

sobre a Igreja (cf. *Revista de Cultura Teológica*, nº 37, p. 103-114, 2001), ele informou-me sobre uma nova resposta do *Cardeal Joseph Ratzinger: A Igreja local e a Igreja universal*. O próprio Cardeal Kasper propôs a publicação do texto do Cardeal Ratzinger, a fim de que os leitores e as leitoras de nosso periódico participassem de um modo mais amplo desse debate eclesiológico.

No final, merece ainda atenção a *Semana Teológica* da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, planejada para os dias 13 a 17 de maio. O tema será: *Violência: desafio aos paradigmas da ética cristã*. Na medida do possível, a *Revista de Cultura Teológica* publicará, em suas próximas edições, as contribuições dos conferencistas.

Uma feliz Páscoa a todos e a todas!

Dr. Matthias Grenzer
Redator

TEOFANIA PARA A LIBERDADE

A ODISSÉIA DE UM DEUS APAIXONADO

Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi

INTRODUÇÃO

A mensagem bíblica do Antigo Testamento tem, no Êxodo, uma das fontes mais ricas para a reflexão teológica, como também, para uma práxis comprometida com as minorias empobrecidas. Portanto, ao iniciar a nossa caminhada a partir do Êxodo, iremos chegar à clara conclusão de que o tema libertação é por demais relevante e eficaz, num contexto de empobrecimento e opressão constante a que são levadas as pessoas.

O Êxodo possui história. Sendo assim, permitiu que a ação de Javé tivesse lugar na história, ação esta que tem como objetivo a libertação dos hebreus, que viviam sob a escravidão egípcia.

A partir do momento em que este fato se torna claro para nós, podemos com certeza enumerar quatro chaves que nos abrem as portas para uma visão mais cristalina de Javé, o Deus libertador:

- Êxodo é o evento histórico central da fé veterotestamentária;
- a libertação é o *leitmotiv* da ação de Javé na história;
- o povo oprimido é opção de Javé para ser agente de sua libertação para toda a história;
- a libertação é um paradigma para todos os povos oprimidos; paradigma da esperança maior de algo novo que há de vir quando, então, poderemos enxergar a ação de Deus e visualizar a semente de uma sociedade estabelecida na fraternidade humana e na harmonia entre Deus e a humanidade; como também paradigma que fermenta a interpretação de todas as situações históricas de opressão em que vivemos.

Com isso, pode-se dizer que Ex 3 traz em si o retrato vivo, dinâmico e atual da ação de Javé. Permite que nós vejamos Javé não como um Deus além dos céus, puramente transcendente e apático. Longe disso, o texto nos concede o privilégio de não sermos deístas. Pelo contrário, as portas que se abrem mostram-nos que Javé deve ser entendido holisticamente como libertador, como alguém comprometido com a história, com os pobres, com os indefesos, pois todos os seus atos, desde a teofania até a sua descida (v. 8), são eminentemente libertadores.

Ele se manifesta libertadoramente onde se encontra o pobre, o marginalizado, o indefeso e oprimido. Não devemos procurá-lo em outro lugar. Javé é Deus a partir de acontecimentos históricos concretos. Por isso devemos estar atentos ao que se passa em nossa volta. Caso contrário, poderemos ter um desencontro teológico!

Não devemos procurá-lo onde não está, mas sim onde sua presença é certa e o seu ser-falar-agir possui a dinâmica libertadora que lhe é peculiar.

Quando falamos de auto-revelação de Javé e para isso usamos o evento do Êxodo — que se tornou um dos núcleos da fé do povo de Deus — como nosso ponto de partida, nos deparamos com uma nova e singular revelação de Deus: sua solidariedade para com aqueles que sofrem. É essa auto-revelação de Javé que confirma a nossa caminhada, que nos anima e produz em nós fé. A auto-revelação de que tratamos neste trabalho é uma tentativa de se viver a aventura da libertação em cada etapa de nossas vidas, sempre, como cristãos, à luz do Filho de Deus que se encarnou, morreu e ressuscitou em consequência de sua opção histórica e messiânica pelos necessitados, visando ao ser humano todo e a todo ser humano numa nova fraternidade.

O objetivo do nosso trabalho não é outro senão declarar que Javé é eminentemente libertador e a favor dos fracos, como também declarar que a libertação não é objeto de escolha, mas é uma opção fundamental.

A HISTÓRIA QUE ESTÁ POR TRÁS DO TEXTO

Nossa história tem início com um grupo de hebreus como parte de uma classe de trabalhadores volantes, quando eles foram ao Egito a fim de encon-

trar alimento (cf. Gn 12,10 e 42,1-47) ou à procura de trabalho. Neste ponto é preciso distinguir dois processos migratórios, para que possamos entender a ida dos hebreus ao Egito. O primeiro deles é denominado de transumância. É um processo migratório decorrente dos períodos de chuva e de seca. Esse processo é muito usual. Contudo, para solucionar as dificuldades em períodos de estiagem prolongada e de falta de alimentos, é necessário percorrer distâncias bem maiores das que percorridas pela transumância comum. Quando se fala em percorrer grandes distâncias, estamos visualizando um novo processo migratório, ou seja, a transmigração. A ida dos hebreus ao Egito cabe nesse fenômeno¹.

No início eles encontraram graça perante os governadores egípcios, tiveram terra e prosperidade (cf. Ex 1,7). Entretanto, quando um novo dinasta tomou o poder e viu como os hebreus tinham se multiplicado e, conseqüentemente, se tornado uma ameaça interna à ordem socioeconômica egípcia (cf. Ex 1,8-10), determinou o aumento de trabalho para os volantes.

Os monarcas do antigo Oriente costumavam requisitar seus súditos para a construção das grandes obras públicas (palácios, templos e cidades). Faziam-no com o uso da força. Via de regra, o recrutamento era feito sob coação militar. O êxodo dos hebreus aconteceu exatamente no contexto de edificação de uma nova capital, Ramsés, no Delta do Nilo, a fim de controlar melhor a terra de Canaã. Contudo, os construtores da nova capital eram recrutados entre os camponeses residentes no Delta. Em Ex 1,15; 2,6 e 3,8, são chamados de hebreus. No Egito da época, esse termo designava gente sem terra, pessoas que prestavam serviços forçados em prol do Estado. O Estado faraônico havia os transformado em devedores de tributo. Assim, eles eram obrigados a viver sustentando a própria família, bem como o Estado. Devemos observar, porém, que esses construtores não eram escravos, como os conhecemos do mundo grego e romano. Segundo Miltom Schwantes,

¹ Cf. SCHWANTES, M. *História de Israel: local e origens*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 88.

não era gente plenamente tutelada e dependente. No tributarismo, trabalhadores forçados permaneciam com certos espaços de autonomia. Mantinham seu âmbito de decisão. O Estado ainda não alcançava desarticular seus súditos na proporção do escravagismo clássico².

Na passagem do século XIII para o século XII a.C., o Egito ainda era a potência que dominava sobre a Palestina, até o extremo norte, nas imediações de Cades, no Orontes. Os egípcios, entretanto, não exerciam sozinhos a dominação. Faziam-no em colaboração com os reis das cidades-estado cananéias: vassalos que, em troca da proteção dos faraós, se submetiam aos interesses egípcios. Para os lavradores cananeus, esse sistema implicava em dupla exploração: por um lado, eram obrigados a pagar tributos aos reis locais e, por outro, eram extorquidos pelos exércitos faraônicos.

Há alguns séculos a terra de Canaã vivia sob a dominação egípcia. Nas planícies da Palestina (na época, somente essas eram habitadas) os exércitos faraônicos eram os senhores da situação. Haviam transformado essas planícies numa espécie de colônias. Quem vivia em Canaã pagava tributos ao faraó e sofria sob o seu jugo. O domínio era absoluto e a autoridade estava nas mãos do rei, que exercia soberania absoluta:

Sua vontade, até seu capricho, era lei inquestionável. O Egito era uma nação rica, com palácios, pirâmides e cidades não superadas em nenhuma parte do mundo. Havia uma classe social que vivia luxuosamente. Eram os sacerdotes, administradores e oficiais militares do Estado. Mas, por ser o Estado uma instituição personalizada do rei, eles eram servos do rei. Toda essa classe dominante egípcia não tinha meios próprios e dependia, para sua vida luxuosa, da sua relação com o rei³.

Também no Egito predominava uma política imperial tributária. O sistema social existente na época permitia que os camponeses vivessem em suas

² SCHWANTES, M. Os hebreus no Egito. In: *Curso de Verão*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 63.

³ PIXLEY, G. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 118.

próprias aldeias e com suas famílias, mas as terras eram propriedades do Estado, como também todo o trabalho dos camponeses estava sujeito às exigências do faraó. Era o mesmo modo de produção tributário que existia na Palestina, com o agravante de que o Estado egípcio era muito mais poderoso. Mas o que é Modo de Produção Tributário? Simplificadamente podemos dizer que se trata de uma relação entre uma entidade superior, que exerce o controle econômico do conjunto por meio de arrecadação de um tributo, e unidades locais que conservam uma ampla autonomia em virtude da posse do meio de produção e do controle sobre a organização do trabalho⁴.

Quanto ao ambiente religioso, devemos lembrar que os faraós-governantes eram considerados “filhos de Deus”. Mas o reconhecimento de um Deus libertador e sua celebração com uma nova linguagem nos leva a pensar que, em sentido oposto ao Deus libertador, há deuses opressores que, quando invocados e nomeados, refletem a própria consciência do opressor.

Era exatamente essa a situação no Antigo Oriente Médio onde o Deus triunfante e organizador do cosmo é ao mesmo tempo o patrono da dinastia reinante e protetor da cidade-estado que detém a hegemonia política. Esse é o caso do Marduque babilônico, de Amon no Egito e de tantos outros. Deuses como esses transformam-se facilmente em arquétipos da dominação de um povo sobre outro⁵.

Mas se o mundo é sagrado e pertence aos deuses, pois foi por eles organizado, logo a marginalização do ser humano é inevitável. O mundo não tem lugar para ele. Seu destino é o trabalho para os deuses. Isso, no Antigo Oriente Médio, é bastante claro: a economia estava centrada no templo, que compreendia o palácio do rei, e o ser humano tinha somente uma implicação econômica dentro do sistema. Os deuses, que eram os legítimos proprietários da terra, tinham no rei o seu representante na terra e, por isso, ele tinha algo

⁴ Cf. HOUTART, F. *Religião e modos de produção pré-capitalistas*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 46-55.

⁵ Cf. CROATTO, J. S. Os ídolos da opressão e a busca de um Deus libertador. In: RICHARD, P. et al. *A luta dos deuses*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 45.

de divino. Dessa forma, tudo o que de algum modo se relacionasse com o divino poderia ser monopolizado pelo rei.

Essa é uma forma muito velada de justificar o poder absoluto do rei, que podia, então, dispor da riqueza do país, exigir pesados tributos e impostos ou dispor de trabalhadores para as suas necessidades.

Com isso, concluímos que o serviço aos deuses, donos do mundo — e que se expressa no trabalho, na edificação dos santuários etc —, passa para as pessoas comuns como serviço ao rei. A Mesopotâmia, o Egito e Canaã alimentavam essa concepção sem questioná-la. Mas como fizeram isso?

E, assim, o Egito crescia, desenvolvia-se, forte, com os pés sobre as cabeças dos hebreus!

O TEXTO PELO TEXTO

Êxodo 3,1-6

Moisés estava pastoreando o rebanho do seu sogro Jetro, sacerdote de Madiã. Levou as ovelhas além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Deus. O anjo de Javé apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas não se consumia. Então Moisés pensou: “Vou chegar mais perto e ver essa coisa estranha: por que será que a sarça não se consome?”. Javé viu Moisés que se aproximava para olhar. E do meio da sarça Deus o chamou: “Moisés, Moisés!” Ele respondeu: “Aqui estou”. Deus disse: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado”. E continuou: “Eu sou o Deus de seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”. Então Moisés cobriu o rosto, pois tinha medo de olhar para Deus.

Javé se apresenta, se manifesta para a liberdade. A auto-revelação de Javé não tem lugar no espaço vazio, fora do tempo. Pelo contrário, manifesta-se através dos elementos da criação. Num ponto da história se dá o encontro

do divino com o humano. Dá-se o encontro do desejo de libertar com o desejo de ser libertado. Portanto, o encontro de Moisés com Javé na sarça ardente marca as implicações que há na teofania, no que diz respeito à liberdade.

O Êxodo se apresenta na Bíblia como o marco oportuno para a auto-revelação divina. Javé é descoberto na sarça ardente e, como consequência dessa descoberta, ajuda o homem a descobrir-se como ser humano. Ajuda-o a abrir os olhos e a tomar consciência de seu estado desumano.

A partir do compromisso dos hebreus com Javé, a noção de um deus local, distante, assustador e inacessível começa a mudar. Javé passa a ser percebido a partir de sua ação que se encontra localizada na história. Um Deus que não revela somente a si mesmo, mas também o que ele é e faz. Ele é o libertador para qualquer que seja a opressão que aflige o seu povo escolhido. Nele reside a esperança de libertação dos oprimidos através dos tempos. Por isso, podemos dizer que a sarça ardente é apenas um primeiro momento teológico. É o ponto inicial. De lá para cá a ação do Deus da sarça é ampliada, aprofundada e qualificada, cada vez mais, pelo agir histórico a favor dos empobrecidos.

No episódio da sarça ardente, o verdadeiro protagonista não é Moisés. É Javé que faz relampejar a sua face diante dos olhos de Moisés. Até então Javé havia se apresentado como uma divindade do clã: “Eu sou o Deus de teu pai, de Abraão, de Isaac e de Jacó”(Ex 3,6). Mas agora auto-revela-se como o Deus dos hebreus. Auto-revelando-se, não somente com palavras mas, sobretudo, com fatos, com história.

Êxodo 3,7-10

Javé disse: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam. Por isso, vá. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel”.

Diante da situação opressora que constrange a vida, Deus se manifesta a favor de quem sofre. Verifica a opressão com que o povo é afligido e sai ao seu encontro. É o Deus dos pais que vê, escuta, conhece e desce para libertar os filhos de Israel, fazendo-os subir para a liberdade e para a fartura, uma terra onde corre leite e mel. Deus não está só fazendo uma visita de cortesia a Moisés, pois sua apresentação vem seguida de um projeto muito claro de libertação.

Algumas expressões utilizadas são fortíssimas. Dentre elas, duas se destacam no verso 7. A primeira é *'anah*, que significa “explorar”, “degradar” ou ainda “violentar”. É a degradação maior do ser humano. A opressão é tamanha que invade as dimensões íntimas do ser humano. Essa expressão tem muita relação com o sentido de imposição. A opressão, neste caso, é um elemento que degrada o ser humano, tornando-o subumano e até coisificando-o.

A análise do texto permite observar que a opressão é companheira da imposição. A opressão surge porque alguém a impõe. Ela não é desejo natural e requerido pela pessoa oprimida. Podemos dizer, sem dúvida alguma, que não há voluntariedade para a degradação.

A segunda palavra de destaque é *'nagas'*. Seu significado indica exploração violenta, sobretudo por meio de trabalhos forçados. É a pressão do opressor. É quando se trata o ser humano como um animal. Há, por parte do opressor, uma ansiedade para que o produto da exploração chegue logo às suas mãos (cf. Ex 5,13). Como exemplo, vemos que no Egito os *'nagas'*, opressores, clamavam com violência o trabalho: as cidades deviam ser construídas rapidamente, de modo que os hebreus precisavam fazer grandes quantidades de tijolos todos os dias (Ex 5,6-17).

Diante de todo esse sofrimento, o verso 7 diz ainda que Javé “vê o sofrimento do povo”. A expressão significa “ver com os próprios olhos” ou ainda “tornar-se consciente da situação”. Metaforicamente, pode ser empregada na percepção intelectual ou espiritual: notar, experienciar aquilo que o ser humano passa e sofre, estar preocupado com alguma coisa. Poderíamos ainda dizer que “ver” tem também relação com tomar cuidado do caso. Ou seja, os olhos estão abertos, conscientes, e não cerrados e inconscientes.

Mas, além de ver, Javé também conhece as dores do povo. E conhecer nesse texto traz o significado de empatia, familiaridade com alguma coisa ou situação, que pode resultar numa ação. Em relação ao sofrimento, significa ter empatia para com a vida, viver a experiência do outro, comprometer-se com a vida. Indica ainda a adesão total de uma pessoa a uma realidade, uma adesão feita de inteligência, de vontade, de paixão e de ação, e não só intelectualista. Deus não se fixa no faraó opressor, mas sim no povo oprimido. Está próximo para ouvir seus gemidos. Os sofrimentos do povo preocupam a Deus. Este sofre com o sofrimento do povo, que é seu justamente porque está sofrendo!

Já no verso 9, encontramos outra expressão de dor. Trata-se de *lahas*. Seu significado é “oprimir”, “acossar” e “apertar”. Ora, percebe-se que a expressão não denota uma condição natural, própria da vida humana. Antes é o seu contrário, pois indica que está por vir um clamor insuportável, gritos que pedem por libertação. Elza Tamez nos ajuda a entender melhor a expressão:

Ao fazermos a análise desta palavra, descobrimos que em quase todos os contextos de opressão, no Antigo Testamento, nos quais aparece *lahas*, encontramos uma situação semelhante: um povo que está sob o jugo de uma nação mais forte e, experimentando a opressão, clama a Deus⁶.

Êxodo 3,13-15

Moisés replicou a Deus: “Quando eu me dirigir aos filhos de Israel, eu direi: ‘O Deus dos antepassados de vocês me enviou até vocês’; e se eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’. O que é que eu vou responder?”. Deus disse a Moisés: “Eu sou aquele que sou”. E continuou: “Você falará assim aos filhos de Israel: ‘Eu sou me enviou até vocês’”. Deus disse ainda a Moisés: “Você falará assim aos filhos de Israel: ‘Javé, o Deus dos antepassados de vocês, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, foi quem me enviou até vocês’. Esse é o meu nome para sempre, e assim serei lembrado de geração em geração”.

⁶ TAMEZ, E. *A Bíblia dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 37.

Nesta nova seção tudo gira ao redor do nome de Deus. Javé é o Deus dos pais que desceu para libertar e proclamar seu projeto de libertação. Através do seu nome ele torna o ser humano consciente de que a liberdade é possível.

Qual seria o lugar social de origem do nome de Deus? Quanto a isso podemos dizer que o nome Javé possui íntima relação com o êxodo. Foi a Moisés que Deus pela primeira vez revelou seu nome. Portanto, entendemos que os hebreus, ao saírem da escravidão do Egito, levam consigo uma religião. Esse Deus havia se revelado a eles e outorgado a sua libertação.

Devemos deixar claro que é no contexto da libertação dos hebreus no Egito que Javé dá a conhecer o seu nome, nome cheio de dinâmica, de movimento e que fica marcado pela memória libertadora do êxodo.

É a partir do nome de Javé que o povo hebreu alcançará seu próprio sentido e destino. Antes disso há o servir passivo frente às estruturas opressoras do Egito. Na história dos escravos do Egito vemos que o nome de Deus vai se tornando histórico, participando da vida humana.

Algo interessante no texto de Ex 3 é que o próprio Javé em sua auto-revelação se dá um nome, mostrando, assim, que deverá ser interpretado pela humanidade como alguém distinto e individual. Com isso, queremos dizer que a fé dos hebreus se define e se projeta contra um conceito intelectualista e abstrato de um ser supremo e alheio à história humana. Pois, ao contrário, Javé é alguém que intervém com liberdade na vida e na história dos marginalizados e que pode ser chamado pelo nome.

Javé concede seu nome para ser conhecido, para ser desvendado. Mas, o que significava conhecer o nome de alguém no Antigo Oriente Médio?

No mundo semita, o nome de uma realidade é a própria realidade, é o significado da presença e da ação de um ser. O conhecimento do nome de uma pessoa comporta uma espécie de poder sobre o ser conhecido. Nas religiões de gestos mágicos, conquistar o nome da divindade quer dizer ter a possibilidade de manipular e dominar, para vantagem própria, o poder de Deus, submetendo-o ao poder do homem. Mas talvez Javé não se revela em um substantivo, e sim em um verbo. Em uma forma dinâmica e não estática e inerte como um ídolo.

Javé é um termo que alude ao início da libertação. Portanto, o nome de Javé traz em seu bojo a sua realidade pessoal. Com isso queremos dizer que o nome de Javé não se deixa instrumentalizar pelo homem para fins e interesses humanos. Mas, ao contrário, é repleto de significado, qual seja a intervenção de Javé no momento inicial da história humana⁷.

Ainda neste sentido podemos acrescentar que conhecer o nome de alguém é dispor de um certo acesso às motivações dessa pessoa. Isso significa que, em relação aos hebreus, a auto-revelação do nome expressa um segredo que o próprio Javé resolveu revelar a quem ele havia escolhido. Dessa forma, é seguro dizer que o uso do nome de Javé implica na convicção de que Deus responde quando o ser humano empobrecido clama por ele.

Quando perguntamos o nome, o que realmente estamos querendo saber tudo o que uma pessoa é, faz ou significa. Como diz Schwantes,

o nome Javé foi criado a partir de um verbo hebraico que pode ser traduzido por ser, acontecer e agir. Portanto, quando o verso 14 de Êxodo apresenta Javé como "eu sou o que sou", afirma que nosso Deus é, age, acontece e faz acontecer⁸.

Diríamos, ainda, que o nome é a identidade mais íntima. Sendo assim, o nome de Javé deve ser capaz de expressar de forma clara e inequívoca tudo o que ele é, o que ele quer e o que ele faz acontecer.

Não devemos nos esquecer que esse amplo valor semântico do nome de Javé tem lugar na história e, portanto, chama à baila a presença libertadora de Javé, o único que pode tirar os hebreus da escravidão do Egito. O nome Javé afirma, pois, a singularidade de Deus como libertador.

Não podemos desvincular, em hipótese alguma, o nome de Javé da história. Ele necessariamente está inserido no drama humano, que tem lugar na história. Podemos ser mais incisivos afirmando que Javé somente é Deus em seu atuar-falar histórico.

⁷ MUNOZ, R. *O Deus dos cristãos*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 179.

⁸ SCHWANTES, M. *Teologia do Antigo Testamento*. v. 1. São Leopoldo: Fac. Teo., 1982. p. 10.

O ponto que distingue Javé de todos os outros deuses é precisamente este: seu nome. Porém não se trata de uma distinção puramente externa e formal, mas sim prática e radical: Javé é diferente de todos os outros deuses porque sua intervenção e ação são radicalmente distintas e claramente localizadas na história.

O nome de Javé leva-nos ao acontecimento do êxodo e, segundo Schwantes, “tal localização da revelação do nome de Javé no acontecimento do êxodo dá um valor teológico todo especial aos eventos da libertação⁹”. Javé se manifesta no interior de um conflito histórico e social, tomando o partido do mais fraco.

Ao dizer seu nome a Moisés, Javé também revela o motivo de sua manifestação, ou seja, a práxis desse ato. Assim, verificamos que Javé, através de seu nome, vai fazer alguma coisa — assumir a situação do povo escravo para libertá-lo do opressor. Podemos dizer que o nome de Javé está inseparavelmente ligado à sua descida para colocar-se solidariamente junto ao povo marginalizado e oprimido, assumindo sua luta e efetivando seu desejo de libertação. O nome de Javé é a revelação do próprio Javé enquanto aquele que age no mundo tumultuado dos homens, libertando o mais fraco.

Javé está presente na vida do povo com sua força libertadora, não porque o povo hebreu tenha conhecido o seu nome secreto, mas sim porque, em sua misericórdia, Javé quis revelar a sua presença incondicional ao lado do povo hebreu-escravizado.

Êxodo 3,16-20

“Vá, reúna os anciãos de Israel e diga a eles: ‘Javé, o Deus dos antepassados de vocês, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, ele me apareceu e disse: Eu vim ver vocês e como estão tratando vocês aqui no Egito. Então eu disse: Eu decidi tirar vocês da opressão egípcia e levá-los para a terra dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus, para uma terra onde corre leite e mel. Os anciãos de Israel darão ouvido a você. Então

você irá com eles até o rei do Egito e lhe dirá: ‘Javé, o Deus dos hebreus, veio ao nosso encontro. Por isso, deixe-nos agora fazer uma viagem de três dias no deserto, para oferecermos sacrifícios a Javé nosso Deus’. Entretanto, eu sei que o rei do Egito não os deixará ir, se não for obrigado por mão forte. Portanto, vou estender a mão e ferir o Egito com todas as maravilhas que farei no país. Então ele deixará vocês partir”.

Esta seção permite-nos ver o processo de conscientização dos filhos de Israel. É preciso organização e a presença de anciãos remete-nos ao período tribal, quando as propostas do que fazer deviam passar pelas mediações da organização do povo. Outra peculiaridade desta seção é que a libertação está intrinsecamente relacionada com o fato de que Javé é o Deus dos hebreus. É Deus com sua intervenção que coloca o povo no rumo da liberdade.

Originalmente, hebreu (*‘ibrim* — verso 18) não designa raça, e sim os trabalhadores volantes, os escravos que vivem à margem das sociedades tributárias do Antigo Oriente Próximo. Sua referência direta é a de não estar integrado na sociedade mais ampla, de estar fora das leis gerais: mercenários e rebeldes. Para Pixley, em Ex 3

os que aceitaram o convite de Javé e de Moisés para sair da escravidão eram hebreus. Uma multidão heterogênea que se dispôs a romper a legalidade egípcia que estabelecia que os camponeses deveriam ter seus animais, suas terras e seus corpos à disposição do rei¹⁰.

A palavra hebreu é o equivalente a *‘apiru*, sendo que esta última ilumina o sentido da primeira. Os *‘apirus* são vistos normalmente como força desagregadora no sistema. Quando aparece, geralmente, há implicações socioeconômicas. Vejamos ao menos dois exemplos: 1) em Ex 2,6-7 as pessoas designadas como hebreus estão num lugar social oposto às pessoas que pertencem à corte do faraó; 2) o segundo exemplo encontramos em Ex 1,8 onde aparecem em oposição aos interesses econômicos dos egípcios.

⁹ SCHWANTES, M. *Teologia do Antigo Testamento*. v. 1. São Leopoldo: Fac. Teo., 1982. p. 10.

¹⁰ PIXLEY, G.; BOFF, C. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 45-46.

Para Norman Gottwald, a denotação específica para 'apiru de Canaã é "tropas mercenárias" e "bandidos". Esse autor sistematiza as relações entre 'apiru e dinastas em três tipos principais:

1) Mercenários 'apiru utilizados para servir como infantaria auxiliar; 2) bandidos 'apiru incitados e/ou fornecidos por um dinasta para molestar um dinasta inimigo em operações paramilitares; 3) grupos de 'apiru instalados no país como forças de clientes mas semi-independentes, possivelmente concebidas como concessão feudal que vinculava serviço militar recíproco¹¹.

A maioria das ocorrências do termo hebreu no Antigo Testamento tem uma conotação de auto-diminuição ou de desprezo e de depreciação.

No texto em questão, o eixo teológico principal situa-se no fato de Deus ver o sofrimento do povo escravizado e ouvir seus clamores. Diante da opulência faraônica do império que dissemina morte e escravidão, Javé se identifica com o gemido, com o clamor daquele que é espoliado. Em meio à história que se desenrola, Javé expressa seu amor preferencial pelo fraco ao não abdicar de sua parcialidade, ao se comprometer como Deus dos hebreus.

É na opção que Javé expressa a concretude de seu amor universal, amor que privilegia os escravos do Egito em detrimento do faraó e de sua corte. Essa opção preferencial de Javé torna seu amor concreto, dimensionando todo o seu ser para os escravos espoliados do Egito.

Não podemos deixar de observar que o grupo social dos 'apirus vivia em uma região caracterizada por estados urbanos ou cidades-estados cuja situação sociopolítica dependia da Mesopotâmia e do Egito, duas grandes potências da época.

Mas essa opção tem uma finalidade, tem um porquê. Por trás da ação de Javé vemos o seu projeto de vida para os escravos. Esse projeto colocará um ponto final na opressão do faraó. Javé propõe um novo modo de vida. Propõe um projeto de vida a partir dos escravos, dos marginalizados, dos hebreus.

¹¹ GOTTWALD, N. *As tribos de Javé: uma sociologia da religião de Israel liberto*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 405.

O alvo imediato desse projeto de vida, que tem lugar na história, é a libertação da opressão faraônica, que desencadeará todo um processo de acesso à terra onde mana leite e mel, que será o ponto de partida para a constituição de um modelo social diferente e alternativo ao modelo espoliativo de faraó¹².

No evento do êxodo, Javé se revela por meio de seus atos a favor de um povo fraco e indefeso. Ele é o Deus do poder e da força, capaz de destruir o poder escravizador do poderoso faraó.

O Deus que desce deixa de ser um Deus neutro (cf. Ex 3,8), pois descer implica em assumir as contradições que estão presentes e que marcam singularmente a história. Consiste, além disso, em ficar de um lado e, necessariamente, contra o outro. Javé nunca se encontra no lugar que é ocupado pelos opressores, pois esses lugares — a cidade, o templo — têm a tendência de "arrastar" deus para o seu lado com o objetivo de legitimar o esquema opressor. Mas, diametralmente oposto a isso, há a memória subversiva dos pobres que nos lembra que Javé foi até o escravo, o oprimido e o sofredor.

O Deus do relato do êxodo é um Deus que ouve os gemidos que os capatazes arrancavam dos escravos, e que, por isso, desceu para libertá-los e levá-los a uma terra onde mana leite e mel.

A PESSOALIDADE DE JAVÉ, O DEUS DOS HEBREUS

1. TEOFANIA PARA A LIBERDADE

A teofania tem por finalidade mostrar aos escravos que Javé viu, ouviu, conheceu e finalmente desceu para se comprometer com eles. Portanto, ele se manifesta para ser veículo de liberdade. Sua manifestação é intencional.

¹² GALAZZI, S. et al. Êxodo 3 e o profetismo camponês. *Estudos Bíblicos*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 71, 1988.

Sua presença não é desinteressada. Javé não está mais nas alturas, local onde os povos nos tempos do Antigo Testamento imaginavam ser a morada de Deus.

Os eventos históricos são o lugar privilegiado em que Javé desvenda a sua face. É a experiência do encontro com Deus que vive dentro e participa da luta pela libertação, encontro esse comprometido com a transformação da realidade para a libertação dos oprimidos.

O êxodo é, para nós, exemplo de uma história de encontro. Mostra a relação intrínseca entre o Deus libertador e o povo libertado. Deus usa uma situação histórica de opressão para se revelar e agir. Por isso temos a tendência de situar a auto-revelação de Javé na história do povo oprimido, em sua condição de antívida. A sarça ardente seria apenas o clímax, o ápice. A teofania é, portanto, o projeto da história de Javé libertador irrompendo na anti-história, levando-nos a compreender o seu domínio sobre a própria história humana.

A auto-revelação de Javé se faz concreta num caminho que desvenda o desejo de Deus em revelar seus atos libertadores na história dos povos oprimidos. Como diz Gustavo Gutiérrez, "Javé é um Deus que age desde o reverso da história"¹³, ou seja, atua na impossibilidade dos que não tem condições de gerar história. Age numa situação de plena antívida, de opressão, para criar um projeto sociopolítico igualitário.

Em momento de profunda desistorização da vida humana, Javé se apresenta como Senhor da história. Começa, então, a ser redigida uma história a partir do fracassado, do oprimido, do marginalizado. Ao irromper na história do povo marginalizado, Javé propõe vida, em vez de morte.

A presença de Javé parece ser o sinal principal de que a libertação está próxima. Algo está para acontecer. Deus se manifesta justamente porque não pode ficar neutro frente aos acontecimentos da história. É preciso, então, mostrar que está ao lado dos que precisam e clamam, dos menos favorecidos.

Sabendo que Deus se revela na história e para a liberdade, surge uma pergunta: como perceber a revelação de Deus hoje? A indicação que demos acima leva-nos a optar pelos menos favorecidos, pois cremos que Deus se revela onde há maior necessidade de dignidade de vida. Deus foi, é e sempre será o pai do órfão, o protetor da viúva, o descanso do estrangeiro e o restaurador do oprimido.

Aprofundando a resposta à pergunta que fizemos, podemos dizer que Deus não está exclusivamente nas catedrais, nos cultos e nos corais; mas muito mais na vida do povo sofrido. Karl Barth assim se manifesta a esse respeito:

Deus coloca-se ao lado dos pobres (...). Não há nenhuma passagem na Bíblia em que sejam proclamados os direitos dos ricos. E onde Deus apareça como o Senhor e salvador dos ricos e de sua riqueza. Ao contrário, há passagens em que são proclamados os direitos dos pobres. Como também não há nenhuma passagem na Bíblia em que seja tributada às riquezas qualquer coisa semelhante a louvor, em que as pessoas ricas sejam confirmadas e exaltadas. Ao contrário, os pobres são enaltecidos como bem-aventurados, em que são designados de eleitos de Deus, em que as palavras pobres são sinônimas de os justos (...). Aquele a quem a Bíblia chama de Deus, toma partido em favor do pobre¹⁴.

Aquele que tem o privilégio da misericórdia e graça de Deus não é outro senão o pobre. Primeiro este, com a sua vida sensível pelo sofrimento imposto, com o coração aberto a receber a ajuda de Deus-Pai. E depois o rico, com a arrogância que o capital produz.

Por essas razões é que podemos perceber a revelação de Deus, aqui e agora, sempre na companhia dos famintos, dos desabrigados, dos que não têm o que vestir, dos empobrecidos.

¹³ GUTIÉRREZ, G. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 328.

¹⁴ BARTH, K. *Dádiva e louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 352.

2. COMUNICAÇÃO LIBERTADORA

2.1. Comunicação ativa ou passiva

A comunicação de Javé é libertadora. Ele vê, ouve, conhece e desce. Javé está em movimento. Não é coisa nem objeto.

Javé não está ou vive no plano da idéia, das abstrações, mas, ao contrário, se faz sensível a ponto de interferir na história dos escravos no Egito. Essa imersão caracterizará o Deus-Pessoa em relação ao diálogo proposto pelos escravos através do clamor.

Deus se apresenta, em primeiro lugar, como alguém que ouve o ser humano na opressão e decide fazer alguma coisa por ele. Chamaria a isso de comunicação ativa que se contrapõe à comunicação passiva. A comunicação passiva é dimensionada para a legitimação do poder estabelecido. Seria a comunicação do dominador, como representante de deus na legitimação de todos os seus atos.

A comunicação ativa, por sua vez, tem por *leitmotiv* a libertação. Na relação dialógica de Javé, a sua comunicação é o indício de que ele realmente compreendeu o clamor dos que sofriam.

Outra forma que temos de expressar a idéia de comunicação libertadora é a tensão dialética do Deus consolo da opressão e o Deus que liberta da escravidão. A comunicação de Javé não se reduz a consolar o ser humano que vive o drama da opressão. Não se reduz a consolar os que clamam sob os trabalhos forçados na terra de faraó.

Javé, portanto, não é o deus dos consolos, do enxugar as lágrimas e de se acomodar à situação de antvida, contrária à criação, mas sim o Deus libertador, que faz da comunicação (conhecer, ver, ouvir e descer) o ponto alto de sua sensibilidade.

2.2. A comunicação como diálogo

Javé se faz verdadeiro em virtude de sua comunicação, tornando-se ação, práxis da liberdade. Não fosse sua iniciativa em responder o clamor dos

oprimidos, ele ficaria eternamente no panteão dos deuses desconhecidos, dos deuses que nada são, dos deuses que vivem em função dos dominadores.

É preciso dizer que conhecemos Deus porque ele revela a si mesmo (comunicação) em palavras e em ação com palavras. Pois é uma comunicação que afirma a chance de vida e de liberdade para os pobres e oprimidos. Os olhos, os ouvidos, o conhecimento de Javé são trazidos para dentro da opressão, para o momento vivencial do povo oprimido. Para lá se dirige a ação de Javé.

O Deus das escrituras é um Deus em movimento. Um Deus que se deixa comover, que se pode tocar e que responde. E, por isso, está atento aos acontecimentos que vitimam os povos oprimidos que vivem sob dominação político-econômica. Está atento à situação de antvida proporcionada pelos agentes de opressão.

A partir do momento em que Javé vê, há uma implicação, uma constatação dos fatos. Passa radicalmente a enxergar a história a partir de um outro prisma até então desconhecido. Foi exatamente essa nova visão dos fatos que proporcionou aos hebreus no Egito saber que Javé não está ausente; ao contrário, é presença marcante, histórica e auto-revelada.

Ao mesmo tempo que vê, Javé ouve a comunidade dos oprimidos: "Não dá mais". "Basta de sofrimento". O grito sai como um gemido, como uma fagulha de força que ainda resta para o oprimido. É preciso, pois, dialogar, viver a experiência da comunicação. Foi por isso que Javé desceu.

Essa descoberta de um Deus pessoal é como uma porta que se abre para um diálogo constante e permanente com o ser humano. E quem possui a chave para essa porta é o desfavorecido, que clama esperando resposta. Comunicação, entretanto, não admite recusa. Recusar-se a essa comunicação é apagar o próprio rosto, dar um passo a mais para a despersonalização, para a perda do próprio ser. A recusa em abrir a porta traz a inevitável consequência de se tornar um povo apático e sem esperanças de um dia ser libertado.

Isso porque é exatamente esse movimento em direção ao ser humano e em resposta ao seu clamor que porá fim ao desânimo, à alienação total dos oprimidos, quando já têm anulado a própria esperança, última possibilidade de libertação.

É exatamente no diálogo que Deus deixa entrever quem ele é e qual o seu projeto. Quando nos dispomos a dialogar com Deus e a percebê-lo de uma forma mais pessoal, descobrimos que ele está voltado para o ser humano, ou melhor, para a vida. Por isso ele é o adversário de todas as estruturas que disseminam morte e que não dão condições de se viver dignamente.

O diálogo restaura a vida do ser humano. Este sabe que é foco de interesse de alguém: do Deus libertador.

2.3. O papel da Bíblia na comunicação

Devemos perceber que a Bíblia tem um papel fundamental na comunicação, pois é nela que o povo vai encontrar alimento para fortalecer sua fé na caminhada e ter estímulo na luta pela sobrevivência. A Bíblia, como palavra de Deus, anima o povo, enchendo-o com esperança. Quando o povo pobre busca a Bíblia, ele encontra a sua própria história, a sua própria vida, e também alguém que quer se comunicar com ele. Na Bíblia o povo descobre o seu rosto e descobre que tem direito à vida.

A Bíblia, pois, possui uma função conscientizadora: revela um designio salvífico-libertador e sua intenção em conduzir esse processo. E a relação que ela nos apresenta - Deus-pobre - se dá dialogicamente no seio de uma historicidade. Manifesta-se nos acontecimentos da história, fazendo do momento de opressão o local ideal para que a comunicação tenha início e se torne realidade.

Quando buscamos a Bíblia, vemos que a relação Javé-povo é, antes de mais nada, pessoal, pois Deus é pessoal e se comunica pessoalmente. É uma comunicação que pede resposta, pois Javé, com sua dinâmica, quer ver a história acontecer.

O fato de Javé se comunicar com o objetivo de libertação mostra-nos que ele é simpático ao ser humano oprimido. A apatia não faz parte de seu ser, pois o tornaria mesquinho, isolado e alienado. Javé não pode ser comparado, conforme a teologia bíblica assim o exige, como uma potência celeste fria, isolada e desvinculada do mundo e da história do ser humano.

A simpatia de Javé é revelada pela sua comunicação. Por isso podemos dizer que sua proximidade é experienciada em seu *páthos*, e seu *páthos* é seu amor à liberdade, seu interesse apaixonado pela vida frente à morte. Isso o faz sensível. Sofre em sua paixão pela liberdade do que sofre. Sofre pelo oprimido, pelo menos favorecido, porque sente a dor, ouve o grito angustiante dos pobres.

Isto que estamos vendo não é nada mais do que o Deus Todo-Poderoso, todo santo, saindo de si para entrar em relação com um povo que escolheu como seu. E quando ele sai de si para o outro, tudo muda. O divino começa a participar da história humana. Quando fala, as situações mudam. Há com isso o surgimento de vida e esperança onde até então não havia.

Isso indica que quando Javé se comunica, ele atua. Sua palavra não é nunca teoria, mas sim ação a favor da vida.

O COMPROMISSO HISTÓRICO DE JAVÉ, O DEUS DOS HEBREUS

1. SOLIDARIEDADE EM MEIO À DOR

A solidariedade se manifesta como confissão de fé. Javé é escolhido para ser Senhor. Deus é a única esperança do povo oprimido. É opção de Javé como também a resposta de fé do povo oprimido, que vê em Javé a resposta para o seu grito de angústia.

Quando lemos em Ex 3,8 a descida emergencial de Javé, temos em mente a solidarização divina sendo efetivada. Poderíamos denominar esse fato como a ação do Deus solidário. O fato de Javé se solidarizar com a causa dos menos favorecidos é o sentido mais provável da sua presença na história. A opressão é o lugar onde se vive a experiência de Deus. Onde está o pobre, o oprimido, o pequeno, lá está o Deus que vem libertar. O sofrimento é, pois, o elemento que estabelece a solidariedade de Javé em sua relação com o povo oprimido.

Um binômio composto de dor e solidariedade. São dois processos de uma só história. Quanto maior a opressão, a dor, maior será a solidariedade.

Quanto maior a opressão e a dor, maior será a presença de Javé. Maior será o aspecto relacional do libertador com o libertado, mais se viverá uma espiritualidade libertadora que nasce num contexto de solidariedade para com a vida, que rompe definitivamente com as amarras da opressão.

Javé é, com efeito, um Deus que se põe junto ao ser humano, junto a sua dor, ao seu drama de sobreviver em meio às situações injustas, estreitamente interessado em sua vida, em seu desenvolvimento rumo a uma vida digna. Quando Deus entra e participa do contexto social da vida humana, passa a considerar as idéias e ações dos oprimidos como se fossem suas. As palavras e ações dos oprimidos se transformam na palavra e ação do próprio Deus. Elas não pertencem mais aos oprimidos. Devemos entender que o fato de Deus se solidarizar ou de lutar a favor dos oprimidos é absoluto, pois Javé toma sobre si a condição humilhada deles e assim abre um novo futuro para os pobres. O companheirismo de Deus está no começo e no fim da libertação.

Tal solidariedade para com o povo é a força geradora, motriz que efetiva a transformação radical de sua condição. A solidariedade com a vida implica no exercício do amor, do comprometimento com a justiça, e na não solidarização com o cultivo do privilégio. A Bíblia não conhece nenhum movimento libertador abstrato¹⁵. A solidariedade só se torna fato pela presença de Javé. A solidariedade é uma forma de crítica ao sistema religioso do Antigo Oriente Médio, cujos deuses eram legitimadores de uma ideologia de opressão, deuses apáticos que não interferiam na vida do povo sofrido. Ao contrário, legitimavam os atos dos governadores e reis que agiam contra os interesses do povo e em benefício próprio. Segundo Severino Croatto,

a realeza era vista como um dom dos deuses. O rei era, portanto, o concessionário dos direitos divinos sobre a terra. O rei de uma cidade-estado e o seu deus tutelar equivalem-se estruturalmente, embora em planos diferentes. As funções são paralelas. Em ambos os casos, há uma cumulação de poder que se redistribui entre os subalternos em grau que vai descendo até o escravo. Já que a ordem social vigente era aceita pela tradição (e, portanto, introjetada)

como cópia de um modelo divino, ele era tido como perfeito e eterno. Trata-se de uma forma muito encoberta de justificar o poder onímodo do rei, que podia então dispor da riqueza do país, exigir pesados tributos e impostos ou dispor da leva de trabalhadores para as suas necessidades¹⁶.

A relação que acabamos de ver é clara: Javé e o povo escravo no Egito se unem contra os deuses propagadores da antvida e contra o sistema político do faraó. Esse confronto irá se tornar, na memória subversiva do êxodo, a expressão de fé de todos os marginalizados.

Pelo que o texto nos mostra, a única força do oprimido é o grito, o clamor. É sobretudo um clamor decorrente da violência levada ao extremo. Esse clamor é a própria consciência crítica de que a situação vivida até então não é satisfatória. Muito pelo contrário, é uma situação que coisifica o ser humano, chegando até a sua degradação. Numa expressão um pouco mais forte, o clamor indica que haverá mudança. É, pois, um clamor subversivo.

O clamor indica que o pobre começa a se conscientizar, a trilhar o caminho da libertação, quando clama, eleva a sua voz, o seu grito de protesto e de denúncia. Clamor de dor, que sai da boca do oprimido como um rugido de leão — a dor está insuportável. O clamor se aproxima do lamento exatamente por se revelar, por expressar uma situação de dor que impede o ser humano de assumir sua verdadeira posição num mundo regido pela vida.

Mas há algo que não pode escapar à nossa reflexão. Javé é afetado pelo clamor que sai da boca do povo pobre. E, em consequência desse fato, sua ação começa a ter lugar na história, pois o clamor nasce de uma situação histórica concreta e localizável, e afeta o físico, o emocional, enfim, envolve o ser humano de forma integral. A dor que provém dessa situação é muito forte. Irrrompe das entranhas mais íntimas da vida, e pede, como resposta àqueles que ouvem, uma práxis. E assim acontece: de seu resto de força, o povo oprimido faz a sua mais poderosa arma: um clamor que é levado pelo

¹⁵ Cf. CESAR, E. E. E. A violência. In: *Simpósio 23*. São Paulo: ASTE, 1981. p. 215.

¹⁶ CROATTO, S. Os ídolos da opressão e a busca de um Deus libertador. In: RICHARD, P. *A luta dos deuses*, p. 55.

vento aos quatro cantos da terra e que desencadeará a práxis de um Deus solidário com aqueles que sofrem e clamam. Diante da dor, Javé desce, assumindo essa dor, mostrando o rumo da libertação.

Diante desse encontro do Javé solidário com o grito de dor dos oprimidos, podemos chegar a uma conclusão:

Não é possível despojar Deus de sua humanidade, pois então teríamos mais que um Deus glacial, remoto, imutável, estranho à vida, estranho à história, estranho à nossa própria vida, um Deus de filósofos e não o Deus vivo das escrituras. Um Deus sem sentimentos seria um Deus sem alma, morto, mais morto ainda que o Deus de Nietzsche¹⁷.

Um outro aspecto interessante é que Javé, além de ser um Deus solidário, cria a solidariedade entre as pessoas. Como exemplo, vemos isso quando, ao convocar Moisés, mostra-lhe que deveria se solidarizar com os oprimidos (cf. Ex 3,10). Mas não é uma solidariedade passiva, que busca reivindicações para que a opressão suavize e se torne suportável. Isso é inviável e não faz parte do projeto divino, pois a meta de Javé é a libertação incondicional do povo oprimido. Javé, portanto, começa a libertação valorizando as pessoas. Não são vistas mais como pobres oprimidos, mas sim como seres humanos.

O êxodo é, pois, no Antigo Testamento, o mais claro exemplo da solidariedade de Javé para com os oprimidos e, ao mesmo tempo, da libertação das mãos dos opressores. Basta ver como o êxodo nos é apresentado; isso confirmará a nossa tese. Ora, o êxodo é retratado como uma história apaixonada e interessada de Javé por sua criação preferida, para que ela jamais seja alienada na escravidão e na morte. O êxodo, portanto, é a celebração da liberdade como obra de solidariedade divina em relação ao ser humano.

Javé é plenamente Deus porque é marcado plenamente pela simpatia: sofre por um mundo livre e redimido. O próprio Deus tem assumido a causa

dos oprimidos. Assim, essa participação de Deus no sofrimento humano acaba por impedir o surgimento da apatia em meio à luta e, ao mesmo tempo, ajuda a desenvolver a simpatia para com Deus, deixando em aberto para o futuro a esperança de um mundo melhor.

2. A OPÇÃO PELO MAIS FRACO

A expressão mais concreta da opção pelo mais fraco sempre se dá historicamente. A opção está encarnada na história. Não é etérea ou transcendente, mas ocupa um lugar dentro da história da humanidade.

A partir do momento em que nos deparamos com o tema “Deus dos hebreus”, imediatamente somos lançados à reflexão de que nesse particularismo — um Deus real agindo concretamente na história de um grupo de hebreus — há a evidência do Deus de todos os oprimidos. A partir do particularismo, Javé alcança a universalidade, pois é comprometido com seu amor opcional a todos os grupos marginalizados.

O relato do êxodo deixa suficientemente claro que a justiça exige que tomemos posição ao lado do oprimido. Javé toma o partido do oprimido. Nosso texto traz como princípio teológico o amor preferencial de Deus pelo hebreu oprimido.

Se Javé tivesse optado pelos senhores egípcios em vez dos escravos hebreus, então um tipo completamente diferente de Deus seria revelado. A mensagem que Moisés trouxe do Deus dos hebreus foi bem recebida, com certeza, pelos hebreus-escravos como uma boa-nova. Mas essa mesma mensagem é uma péssima notícia para o faraó, pois representa a ameaça de perder os trabalhadores de cujo trabalho dependia o luxo e o poderio do grande país do Egito. Podemos notar que a irrupção de Javé na história do povo marginalizado age como uma boa-nova, propondo vida em vez de morte.

Devemos declarar que Javé é a favor dos pobres e contra os opressores. Javé tomou o partido dos oprimidos, portanto, quando tomamos o partido seja dos opressores, seja da neutralidade (que não é senão uma identificação

¹⁷ TOURNIER, P. *Culpa e graça*. São Paulo: ABU, 1985. p. 166.

camuflada com os que dominam), estamos longe de confessarmos o Deus libertador. Se não ficarmos ao lado dos pobres não podemos falar de Javé, que é o Deus libertador.

Os oprimidos são eleitos não por causa do valor intrínseco da sua palavra ou ação, mas porque a graça e a liberdade de Deus estão com os fracos e desfavorecidos em tempo de aflição. O Deus bíblico é o Deus cuja salvação é libertação. Procuramos entender o binômio salvação-libertação como tendo o mesmo sentido. Afinal, o termo salvação, na Bíblia, é muito rico em sentidos. Vejamos alguns exemplos: a salvação no livro do Êxodo é sinônimo de libertação da escravidão e de abundância da terra prometida; no profeta do exílio (cf. Is 40-55), a salvação inclui o retorno do cativo, a reconstrução das cidades e o perdão incondicional. No evangelho de Lucas, a salvação é o cumprimento de todas as promessas de libertação feitas pelos profetas, com especial referência aos pobres da terra, aos pecadores. É Jesus Cristo quem salvará o seu povo do pecado, porque veio buscar e salvar aquele que se tinha perdido. Em Romanos, a salvação tem relação com a libertação dos poderes opressivos da lei, do pecado e da morte. Enfim, a salvação se expressa através da paz, da segurança, da saúde, do bem-estar, da justiça, da integridade, da harmonia do ser humano com Deus e com o cosmo. Na realidade, não há salvação material sem salvação espiritual, nem salvação cristã que ignore a realidade social e material. Assim testemunham a Bíblia e a nossa experiência na América Latina.

Javé é o Deus que chama os indefesos e os fracos para uma existência novamente criada. Realmente, ele é, por excelência, o defensor do ser humano desfavorecido. É entre os marginalizados que ele efetua as suas escolhas.

O êxodo é, portanto, um evento que anima a nossa fé. Uma proclamação de fé no Deus que se interessa pelo ser humano. E aqui está justamente o sujeito propriamente dito da história da libertação: um homem, um povo, todos os oprimidos, que terão experiência da ação de Javé, pois é nessa história coletiva que

experimentamos Deus a partir do reverso e de baixo, quer dizer, do lado dos explorados e marginalizados. Não na história vivida e vista do lado dos vencedores, dos grupos dominantes e privilegiados, mas do lado oposto, no

lugar e com a perspectiva dos pobres e oprimidos. Podemos dizer que o essencial da experiência bíblica de Deus no AT é a experiência de uma revelação acontecida e recebida na história e a partir de seu reverso: a partir dos sofrimentos, da resistência e da esperança dos pobres¹⁸.

A opção pelo mais fraco traz em si uma opção teológica. É o modo de se viver a história segundo a realidade de Deus, que se encarna e se solidariza com a pobreza e tem o objetivo de eliminá-la por ser escandalosa.

Podemos afirmar que o Deus dos hebreus continua vivo e forte. Continua a optar por aqueles que precisam de vida. Está disposto a libertar todos aqueles que depositam toda a sua vida em suas mãos, acreditam em sua palavra e fazem a sua vontade. Mas os pobres precisam também ser evangelizados, precisam receber as boas-novas do reino de Deus. Deles, também, Cristo exige conversão, pois é a eles que se dirige preferencialmente a mensagem de boas-novas (cf. Lc 18,15). O pobre precisa passar do medo e da insegurança para a fé incondicional e gloriosa em Jesus Cristo e na implantação definitiva do seu reino.

Para tanto, é preciso que fique clara a posição do ser humano: é pecador. A teologia veiculada em muitos lugares é aquela em que o ser humano é o mestre de seu próprio destino, o construtor de si mesmo, o próprio iniciador da nova humanidade. Isso contribui para que, usando a expressão de Paul Tillich, a *hybris* seja expressa. Não há o senso de inabilidade em salvar a si mesmo. É preciso optar por Cristo, que na cruz e na ressurreição, continua disposto a libertar todos os que sofrem as injustiças de governos cruéis, como também do descompromisso com o reino. O Novo Testamento é conhecedor de um olhar de esperança para a nova humanidade (cf. 2Cor 5,17). Mas esta não é uma autocriação, mas sim a nova criação de Deus. Não devemos permitir que o sentido da universalidade do pecado e a inutilidade de todos os

¹⁸ MUNOZ, R. op. cit., p. 52.

esforços para recriarmos a nós mesmos sejam usados para defender o nosso *status quo*.

O fraco, desfavorecido, para nós é aquele que não tem poder e, por isso, é facilmente injustiçado e oprimido. Melhor ainda, ele se tornou fraco porque os poderosos o oprimem e marginalizam, e lhe suprimem a possibilidade de exercer a liberdade. São escravos, objetos, coisa dos poderosos. E o que é a escravidão senão a traição e morte da aspiração humana?

Javé deixa claro que, no confronto entre o oprimido e seu opressor, ele não permanece neutro ou imparcial. Mas sim coloca-se ao lado do desfavorecido e age decididamente para libertá-lo (Ex 3,7-10 e 6,2-5). Javé age continuamente na história a favor dos oprimidos para conduzi-los a uma experiência integral de libertação. Ele é o Senhor da história, e sua vontade é idêntica à libertação dos oprimidos da escravidão social e política. A partir disso, podemos concluir que, para o dominador, todo gesto de libertação, todo clamor que vá contra o que está estabelecido, toda linguagem que não seja oficial, são subversivos e merecem ser castigados, oprimidos e continuamente marginalizados.

A opção de Javé pelos pobres é motivada por uma compassiva solidariedade para com eles e fundamentada mais pessoalmente em sua auto-revelação e em sua pertença: o Deus dos hebreus (cf. Ex 3,18).

A opção de Deus pelos mais fracos leva-nos a pensar em pelo menos dois fatores: 1) que a história dos hebreus no Egito é uma fonte para animar nossa peregrinação. Ela nos convida à fé, à alegria, à solidariedade com aqueles que necessitam de libertação; 2) que essa história nos leva a promover a igualdade entre as pessoas, numa sociedade guiada pela justiça e pela transformação real da vida em sociedade.

Quando fazemos de nossa práxis um ato de fé, esperança e amor, ela corrige aberrações e unilateralidades, tornando a libertação mais evangélica, autêntica, concreta e eficaz.

A AÇÃO DO POVO DE JAVÉ, O DEUS DOS HEBREUS

1. CRISTO, PRESENÇA ENCARNACIONAL NA HISTÓRIA

O êxodo é um gesto de liberdade, mas não a posse definitiva dela. É apenas o capítulo primeiro de uma história que nos leva a ver a experiência do êxodo continuamente ao longo de todo o enredo.

Não basta a nós, cristãos, determo-nos no evento do êxodo e aí permanecer. Pois, assim, o êxodo se transformaria apenas num episódio histórico. É mister fazermos uma caminhada ao longo da história da salvação e celebrarmos o nome de Javé, libertador da vida, de seu filho Jesus Cristo, no Reino de Deus e em nossa caminhada como Igreja. Dessa forma estaremos resgatando toda a amplitude da ação libertadora de Javé, como no êxodo, e vivenciando a libertação da humanidade sob a luz do compromisso com Emanuel (Deus conosco), do projeto de vida do reino de Deus e da nossa eficaz ação missionária na América Latina. Podemos afirmar que o êxodo é o começo de uma longa marcha que culmina com a vinda de Cristo, que traz uma nova criação, bem como uma nova libertação.

Enquanto no êxodo vemos a auto-revelação de Javé como que limitada historicamente ao evento "êxodo"; na encarnação vemos a dimensão supra-histórica do Deus libertador revelada em Jesus Cristo. Não é mais limitada ao tempo cronológico exato das épocas e eventos, mas sim vivenciada em todos os tempos e épocas em que os pobres clamam por socorro.

Quando falamos em fé, podemos afirmar que crer em Cristo é crer no Deus do êxodo. Em Cristo e por meio dele se realiza todo o processo da história da salvação. A obra de Cristo na história da salvação é, do começo ao fim, uma ação dentro do tempo. Poderíamos afirmar, então, que a libertação está inteiramente no interior da história da salvação. Tal libertação, entretanto, precisa ser integral, completa, do homem todo e de todo homem, pois Jesus Cristo implica na plena humanização do ser humano, a realização do propósito de Deus para com o ser humano a quem criou e redimiu. Trata-se de uma libertação que atinge todo o ser humano: individual e socialmente. A Deus interessa todo o ser humano e não somente parte dele. Hoje há uma tendência em dividir o ser humano, lançando as partes dele ora para uma vida

futura, ora para o processo presente. Reduzir a libertação a um processo puramente histórico é horizontalismo. E reduzir a libertação a um processo puramente transistórico é verticalismo.

Por meio de Cristo, mulheres e homens são libertados e habilitados, com todas as suas energias e possibilidades, em sua obra messiânica. O ser humano é restaurado com um objetivo: participar do processo de restauração do cosmo e da salvação da humanidade. Cristo salvador liberta o ser humano do pecado, de toda injustiça e opressão, e torna-o autenticamente livre, isto é, leva-o a viver em comunhão com ele, fundamento de toda fraternidade humana.

Quando vivemos a libertação de Cristo, nos colocamos a serviço da reconciliação e da libertação dos pobres, pois Cristo viveu ao lado de quem nada tinha, daqueles que eram menos favorecidos. Nas palavras de Barth,

Cristo nasceu, o filho de Deus, eternamente rico, fonte de plenitude de vida para todo ser humano, veio em pobreza, porque se tornou realidade a nós seres humanos. Cristo nasceu em pobreza no estábulo de Belém, e morreu em extrema pobreza, pregado nu à cruz. Ele é, pois, o companheiro não das pessoas ricas desse mundo, mas dos pobres deste mundo. Por essa razão ele chamou bem aventurados os pobres, e não os ricos¹⁹.

A encarnação é, pois, a aspiração mais alta de salvação/libertação que existe na vida humana. É sinal de esperança quando não há esperança. É fermento que transforma, subverte, metamorfoseia toda a massa. É a fé que se posiciona contra todas as estruturas que produzem morte.

Por isso somos chamados a participar ativamente na proclamação do Jesus que é Senhor da história, com tudo o que isso implica para o ser humano e para a sociedade, crendo na possibilidade de mudança do *status quo* social. Afinal, ele é o Cristo da pobreza para todas as pessoas que são pobres. Só nele a vida se manifesta concretamente em atos de amor, justiça e de solidariedade.

¹⁹ BARTH, K. op. cit., p. 353.

2. COMO SE DÁ A MEDIAÇÃO HISTÓRICA DO REINO DE DEUS

O Reino de Deus é o fio condutor que atravessa toda a Bíblia, mostrando a possibilidade da utopia se realizar na história da humanidade.

Deus, como o conhecemos à luz da tradição bíblica, nos incita a servir os outros partindo das necessidades deles e de seus direitos mais básicos, o que nos compromete a agir solidariamente para mudar o mundo presente na direção da justiça do Reino.

De Javé parte um convite a nós: construir o seu Reino, aqui e agora, transformando este mundo. Esse Deus que conhece e sente quer se comprometer e exige uma resposta ao seu convite.

Quando falamos em Reino de Deus, estamos anunciando a necessidade como também a possibilidade de mais justiça, amor, paz e ordem estabelecida. O que necessita ficar claro é a questão da consciência do Reino de Deus hoje. E esse Reino anunciado por Jesus é a favor da vida e contra a morte. É ainda sinal de boas-novas aos pobres. Portanto o Reino de Deus é vida, que liberta o ser humano das estruturas de antvida e sela-o com a presença do Espírito. Com isso podemos dizer que o Reino de Deus se manifesta por meio da presença do Espírito Santo na Igreja, através do senhorio de Jesus Cristo, rei do tempo e da história.

Do ponto de vista bíblico, não podemos ser fiéis ao Evangelho sem que estejamos comprometidos com os oprimidos e marginalizados.

A preocupação da Igreja com o próximo, especialmente com os pobres, precisa ser expressa de forma relevante e eficaz. A Igreja, portanto, deve assumir posturas de denúncia profética e de ação social, pois o objetivo é que a situação do nosso próximo seja mudada, e isso faz parte de nossa caminhada missionária hoje. Somos, pois, chamados a nos engajar em todas e quaisquer atividades humanas, desde que tais atividades se tornem portas de entrada para o Reino de Deus e apontem na direção de Jesus.

A missão é uma dimensão fundamental da Igreja. Esta não anuncia apenas o plano de Deus para a salvação; mas também é chamada a desempenhar um papel ativo. Enquanto comunidade social, a Igreja deve agir na história. Sua existência deve facilitar a manifestação mais ampla do Reino de Deus na história.

O único caminho para se fazer parte do Reino de Deus é a fé em Cristo, não a ação partidária ou a ação social/revolucionária, pois a plenitude do Reino consiste no estabelecimento total do governo de Deus sobre a terra, um governo de justiça, amor e paz. Isso se dará mediante a ação direta de Jesus; mas a antecipação deste Reino também deve incluir sinais de paz, justiça e amor. Essas características não se dão somente no âmbito individual, mas também no contexto complexo de relações e estruturas sociais em que está inserida a Igreja. Vemos, então, que o Reino de Deus não deverá ser vivido somente num futuro distante, mas deve ser vivido, desde já, como o desejo de Deus para que todos tenham vida. Por isso podemos dizer que as manifestações a favor da vida são antecipações do Reino de Deus. Não são ainda o Reino, mas pequenas amostras daquilo que Deus deseja para a vida humana.

O projeto do Reino de Deus se funda nas relações de justiça e fraternidade, onde os seres humanos se libertam das marginalizações e opressões (cf. Mt 11,2-6). Também nesse Reino vemos que a dignidade não se adquire pelo capital que se possui, mas sim pelas práticas da justiça (cf. Jr 22,15-16).

Não estamos falando que a justiça, a paz e o amor nas inter-relações sejam o Reino. Não, pois assim estaríamos parcializando a manifestação do Reino no presente. O Reino aqui e agora não veio de forma consumada, mas sim em antecipação, no aguardo do retorno de Cristo, quando trará a plenitude do Reino de Deus à terra. Essa plenitude traz em si a satisfação dos desejos mais profundos dos pobres, dos famintos e dos que sofrem. Não há realização do Reino sem a participação ativa dos pobres. Eles são objeto e ao mesmo tempo sujeito na mediação histórica do Reino de Deus. São eles os que clamam a Javé pela justiça, e é neles e por eles que ele se revela o Senhor da história. Quando a Igreja profética defende a causa dos pobres, ela fala a partir do Reino de Deus, enquanto que aqueles que a rejeitam falam do horizonte dos que detêm o poder.

3. IMPLICAÇÕES MISSIOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

A sociedade em que vivemos sofre de uma acelerada transformação social, que se dá por um processo desigual, produzindo conseqüências inevitáveis como a formação de países pobres, onde vive a maior parte da população, e de países ricos.

O que temos visto é que, com o passar do tempo, se perpetra um modelo social injusto e coercitivo que inibe as aspirações mais fundamentais do ser humano: liberdade, dignidade, trabalho, alimentação, saúde etc.

Quais são as implicações para nós, cristãos, ao confessarmos Javé, o Deus libertador, em nossos dias, principalmente na sociedade em que vivemos?

É preciso averiguar aquilo que se passa ao nosso redor a fim de tirar nossas conclusões, que, inevitavelmente, devem levar a uma práxis.

Um dos primeiros momentos que surgem com a reflexão e vivência sob a ação do Deus libertador é a experiência concreta da fé em que vivem muitos cristãos, como prática de libertação.

Só podemos refletir sobre a vida em sociedade se estivermos engajados ou, numa outra linguagem, comprometidos com a nossa história. Por isso dizemos que é a experiência concreta da fé vivida a partir da luta dos oprimidos por sua libertação que trará a busca, o desejo de uma profunda transformação da sociedade.

As explicações para o "fenômeno da pobreza" são as mais variadas. Desde o desenvolvimentismo, que propõe como solução um modelo capitalista e a radicalização das reformas como uma nova forma de articular o próprio sistema capitalista mediante novos tipos de dependência, até o socialismo latino-americano, o qual tem por base um sistema socialista mais conforme aos princípios cristãos de verdadeira fraternidade, justiça e solidariedade.

Como acontece a opressão humana hoje? Quais são as formas de opressão do capitalismo? Podemos dizer que ela se manifesta através da concentração do capital, do domínio da comunicação de massa, dos grandes latifúndios etc. Isso faz com que um pequeno grupo seja o detentor do poder e do capital, em detrimento de um grupo bem maior, que trabalha para que o capital daqueles aumente e para que a situação de empobrecimento se intensifique. É uma situação de plena antividia, anti-reino de Deus, que precisa ser alterada pela ação missiológica libertadora da Igreja.

Sabemos que a Igreja não é um partido político. Mas ela precisa optar por um rumo. Não pode permanecer omissa frente às situações de antividia que se perpetram dia após dia. Quando a Igreja se engaja no processo de libertação humana, não há outro caminho: ela destrói todas as amarras (neoliberalismo, concentração de renda, divisão de classes) que corrompem a

dignidade do ser humano sem, contudo, diluir a mensagem cristã numa ideologia. Uma Igreja que assuma os pressupostos do Deus libertador saberá se posicionar frente à injustiça social e assumirá uma práxis cristã que lutará contra toda forma de empobrecimento das pessoas. Como Igreja, precisamos buscar formas institucionais de participação política e social, incentivando os fiéis a participarem das instituições políticas já existentes (partidos, movimentos populares, associações de bairro), sem perder de vista que os critérios são regidos pelos valores do Reino: justiça, solidariedade, reconciliação, igualdade e humanização.

Importa-nos, como Igreja, tomar um rumo vinculado à prática libertadora iniciada no êxodo e assumida por Jesus. Uma Igreja comprometida em partilhar as aspirações do povo latino-americano. A Igreja, onde quer que se encontre, precisa denunciar como falsa e insuficiente toda e qualquer ação que não produza o bem-estar do povo pobre. A denúncia das injustiças sociais é um sinal de que a Igreja se encontra viva, acordada e, principalmente, ao lado dos pobres da nossa terra. Em nossa sociedade, a Igreja que não possui voz profética e nem está adequada à realidade sociológica sobre a qual deve atuar, está fadada a desaparecer.

A sociedade é transformada a partir de baixo, da estrutura base, formativa, sendo que os seus componentes são os verdadeiros agentes da história. Na verdade, "a irrupção dos pobres na história se entende como força histórica, como sujeito, como bloco social que tende à transformação da realidade"²⁰.

O pobre, sujeito ativo da transformação da sociedade, deve ser entendido em sentido coletivo. É preciso dar um basta à concepção que reduz o pobre a um ser alienado — que não tem consciência do que pode ser ou fazer — e que afirma que o pobre aceita a idéia de que as coisas não podem ser de outra maneira.

Talvez o necessário para nós seja fugir da ortodoxia para a ortopraxis. A começar pelo tipo de reflexão que fazemos a partir da teologia: uma teologia que tenha relação com a vida do ser humano.

²⁰ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 102.

A partir disso, podemos entender que é a realidade social ou o contexto de vida dos desprivilegiados que engendra a consciência de liberdade. Não há libertação sem transformação. A libertação não é somente pensamento. Mais do que isso, é um movimento socioistórico. Mais ainda, um movimento de transformação das estruturas da sociedade.

O próprio povo, a partir da sua experiência coletiva de opressão ou de vida e solidariedade, vai projetando para o futuro seus anseios de fraternidade e justiça, esboçando assim a imagem de uma sociedade diferente e, ao mesmo tempo, ensaiando parcialmente em sua convivência cotidiana, em suas lutas. Tal experiência é agente mobilizador do povo. Aglutina-o para a ação.

A Igreja precisa estar em busca de uma sociedade qualitativamente superior a esta. Para que isso se realize é necessário que ela possua uma influência social, rompendo com a ordem injusta atual, e criando um compromisso em prol de uma nova sociedade. Desta forma, estaremos demonstrando, de uma maneira mais prática e transformadora, a mensagem e amor de que é portadora a comunidade cristã.

CONCLUSÃO

Se fizermos uma análise da Igreja cristã, veremos que são poucos os cristãos que vivem sob a luz de Deus libertador. Em consequência, temos pessoas que vivem à margem dos acontecimentos da sociedade, que não dão nenhuma importância aos fatos sociais, e que, acima de tudo, não compreendem o Reino de Deus como algo que já se encontra entre nós. Talvez não percebam que o modo como encontramos Deus na história faz diferença substancial. Sem sombra de dúvida, o modo como situamos a presença de Deus na trama das relações sociais é decisivo para a configuração da consciência e da prática cristãs. Nesse sentido, a responsabilidade da fé não pode esquivar-se do confronto nem da busca honesta em seu serviço a sociedade.

Ao partirmos da premissa errada, é quase certo que a nossa conclusão não será das melhores. Somos da opinião de que isso tem acontecido na vida da Igreja cristã, que insiste em proclamar a fé num Deus desistorizado, apático e incerto.

Javé se evidencia como Deus libertador a partir do momento em que um “grupo” começa a experimentar a libertação, a viver a esperança e o surgimento do novo, com o objetivo de transformar e aniquilar toda e qualquer situação injusta ou opressora que ponha em risco a vida.

O Deus do êxodo continua o mesmo. Nele não há sombra alguma de variação. Onde há situações de dor, opressão e injustiça, ele se manifesta a favor da vida. Mas a opressão atinge a todos. E a dor que nasce da opressão deveria levar a Igreja rumo a um novo modo de ser e de se comportar, no qual ela pudesse realizar uma caminhada que viesse a desembocar em ações de esperança por justiça, em atos concretos a favor da vida e em ações que procurem desestabilizar toda e qualquer estrutura que não promova a vida.

A Igreja, muitas vezes, erra em sua prática exatamente por não praticar. Ou seja, pratica o que não é necessário. Exercita uma ação no vazio. Prega, mas ninguém entende. É preciso rememorar os atos libertadores do êxodo, e novamente fazer com que a Igreja seja agente de celebração e prática da liberdade. Muitas vezes o mais importante para nós, enquanto Igreja e indivíduos, é sustentar o *status quo* que nos afasta completamente de qualquer compromisso com os pobres. Se muitas vezes temos a teologia certa, nem sempre temos a práxis correspondente. Por isso, quando nossas palavras não são seguidas pela ação correspondente, nós mentimos e nos afastamos do Deus libertador que age por toda a história da salvação.

Se realmente quisermos ser autênticos em nossa práxis, devemos ser imitadores de Deus. Se realmente quisermos ter uma Igreja verdadeira, é mister optarmos pelos pobres, como fez o Deus libertador, descendo até o caos do Egito e depois encarnando a vida e a dor dos rejeitados.

Se realmente desejamos ler as Escrituras de uma forma nova e libertadora, é necessário encarnar as lutas e anseios do povo pobre, e assim uma nova porta se abrirá, a de uma história que é contada por baixo, nascida no caminhar com os pobres.

A Igreja e os cristãos precisam necessariamente estar enraizados em contextos concretos, em circunstâncias históricas. Ou seja, encarnar a vida sofrida de nossos povos e sua resistência em direção a uma existência digna e justa. Nesse caso, nós, os cristãos, nos tornamos sal da terra e luz do mundo, fermento que promove o crescimento do Reino de Deus e da vida de Jesus Cristo.

Teologicamente, afirmamos que a Igreja é o povo e o agente de Deus, é a continuadora da missão de Jesus Cristo no poder do Espírito Santo. A Igreja é o corpo de Cristo, a seguidora do seu Senhor e a comunidade dos salvos. É ainda instrumento de salvação e sinal do Reino de Deus. Como seguidora e continuadora da missão de Jesus, deve lutar para que “todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Esse é o sentido fundamental da revelação de Deus-Pai por Jesus, como o doador da vida. Essa dinâmica salvífica sempre esteve presente na vida de Jesus, mostrando, pela sua prática, o verdadeiro projeto do Deus da vida: a restauração do ser humano.

Não podemos permanecer calados, omissos, enquanto vemos o anti-reino se desenvolvendo. A experiência de fé das comunidades precisa também se situar nos limites de uma tensão: a de uma vida profética e a de uma vida de contemplação. A vida de contemplação fortalece a fé e leva a descobrir a graça de Deus. Já a vida profética — ou denúncia profética — evita que a contemplação se afaste da realidade do sofrimento humano. Ambas caminham juntas, mostrando a nós que a experiência do Deus libertador é atual e relevante para a Igreja.

Por isso, se realmente quisermos ser Igreja, será necessário nos esvaziar de nós mesmos e marcar um encontro com Deus: lá onde ele está, no meio do povo oprimido, sofrido e fraco.

Vem Senhor. Vem libertar o seu povo.

Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências Sociais e Religião.
Leciona no Centro Universitário de Maringá – PR.